

An abstract painting featuring a complex, layered composition of dark, textured brushstrokes in shades of black, dark brown, and charcoal, set against a lighter, muted blue-grey background. The overall effect is one of organic, almost cellular or geological forms, with varying degrees of opacity and texture. The brushwork is expressive and gestural, creating a sense of movement and depth.

**CARLOS
VERGARA**

PINTURAS RECIENTES



Natureza inventada¹

Felipe Scovino

Os recortes no aço corten das esculturas de Carlos Vergara produzem uma conexão quase que instantânea com a imagem de caules. Suas estruturas vazadas criam um convívio harmônico entre obra, espectador e paisagem. São obras abertas, tanto no sentido formal da sua aparição ao mundo quanto na participação que estabelecem com o público, pois a sua revelação se dá na medida em que ocorre o deslocamento do espectador. A escultura, que não possui frontalidade definida, promove contínuas formações ou visões que se tornam aparentes a partir do desejo do espectador de criar múltiplas perspectivas do objeto. Essa leitura me faz pensar que escultura e desenho em Vergara se aproximam também pela qualidade de projeção ou propulsão, no sentido de ampliarem investigações, aumentarem a capacidade de significação e experimentação do objeto. Essa crítica se aproxima do que Hélio Oiticica descreve sobre um sintoma muito próprio a respeito da obra do amigo: “Vergara leva esse impulso de decorar às consequências últimas, no momento, aqui; recortar, como cenários para uma ambientação caligariana – recortar paisagens-folhagens – recortar-aparar-juntar – papel-pardo, papelão – criar o módulo”². Chamo a atenção para os verbos de ação (recortar, aparar, juntar e criar) que Oiticica elaborou. A ideia de módulo é muito bem-vinda para compreendermos, num primeiro momento, a construção de suas obras e a forma como essa escolha se apresenta frequentemente em sua trajetória. A ideia modular está nas esculturas que são originadas pelo desenho, como uma projeção para o tridimensional. Eis a experiência do recortar-aparar-juntar, pois depois se tornam recortes em aço, como unidades separadas. Finalmente, essas peças são reunidas, aproximadas e encaixadas.

Pelourinho

carvão, pigmento dourado
e acrílica sobre lona crua
140 x 140 cm
2009

A existência de módulos, nessa perspectiva tão original de Oiticica, também pode ser pensada na maneira em como as pinturas de Vergara são construídas. Camadas que se sobrepõem de forma a chegar a um estado de “paisagem-folhagem”³, para citar outro conceito de Hélio. Nas pinturas da série Bodoquena (2018), uma referência a serra que dá título à série, um dos ecossistemas de maior riqueza do país, situado no Pantanal (MS), somos conduzidos para esse momento absolutamente original de encontro e conversão a uma multiplicação de afetos e potências visuais. As pinturas, seccionadas por imagens de troncos, galhos e caules em tons amarelados, parecem revelar uma mata fechada. Contudo, antes de qualquer descrição que possa ser feita sobre esse emaranhado pulsante e orgânico, a pintura possui uma potência em direção a fenômenos da natureza que é bem particular. É uma pintura que enquanto operação fenomenológica, possui cheiro, cor, pele e som do Pantanal. Daí o fato de Vergara lançar mão simultaneamente de vários meios e técnicas combinando pintura, fotografia, monotipia, pigmentos naturais entrelaçando formas distintas de experienciar o visível.

**É peculiar esse balanço que
Vergara constrói entre o que
chamaria de uma magia do
imprevisto e a objetividade
de um pensamento de pintor.
Eis a força dessas obras:
sua capacidade de se mover
por entre esses limites e
permanentemente questionar
as adversidades do mundo.**



s/ título

pó de mármore,
acrílica e pigmentos
sobre lona preta

120 x 150 cm

2022

Em suas pinturas e fotografias aqui expostas, a representação da natureza e a sobreposição de camadas de distintos materiais, incluindo o pigmento que formalmente se assemelha à terra, fato que não ocorre por acaso, criam uma intersecção de imagens que estão perfeitamente associadas às formas orgânicas e livres das esculturas. Essa atmosfera quase “líquida” do seu trabalho – pela translucidez que ocorre nos vazados ou no nanquim que escorre pelo plano – é reflexo, suponho, da sua relação fértil e crítica com a natureza. Interessa a Vergara, refletindo sobre as suas monotipias e a inclusão de pigmentos na tela, coletar e fabricar histórias por meio da natureza. Não é só representação mas a natureza em si que se apresenta. A natureza não é só tema mas meio; é processo de construção de narrativas. O galho, a terra ou a folha que ocasionalmente surgem são indícios e testemunhos da história. Uma história que é escrita por imagens e objetos ao invés da escrita. Que guarda lembranças e sentidos de um território. São camadas de visualidade que se sobrepõem e se misturam continuamente. Especialmente suas pinturas mais recentes revelam uma associação peculiar entre pigmento - a origem da cor ou a ligação mais primária entre pintura e natureza – e terra. A densidade própria do pigmento ou do pó de mármore trazem uma memória da natureza. Não se trata de ilustração de algo mas uma “liberdade de improviso, movida pelo desejo de explorar acontecimentos poéticos inesperados”⁴. É peculiar esse balanço que Vergara constrói entre o que chamaria de uma magia do imprevisto e a objetividade de um pensamento de pintor. Eis a força dessas obras: sua capacidade de se mover por entre esses limites e permanentemente questionar as adversidades do mundo.

¹ Esse texto é uma edição do ensaio publicado no folder da exposição “Natureza Inventada”, realizada na Galeria Referência e no CCBB-Brasília entre abril e junho de 2019.

² OITICICA, Hélio [sem título]. In: VERGARA, Carlos. Carlos Vergara. Rio de Janeiro: Funarte, 1978, p. 16.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ OSORIO, Luiz Camillo. Hüzün. In: VERGARA, Carlos. Hüzün. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Automática, 2008, s/p.



Pelourinho I

monotipia

120 x 140 cm

2009



Série Natureza Inventada

pó de mármore, acrílica e pigmentos sobre lona preta

120 x 150 cm

2022



s/ título

técnica mista

160 x 180 cm

2006



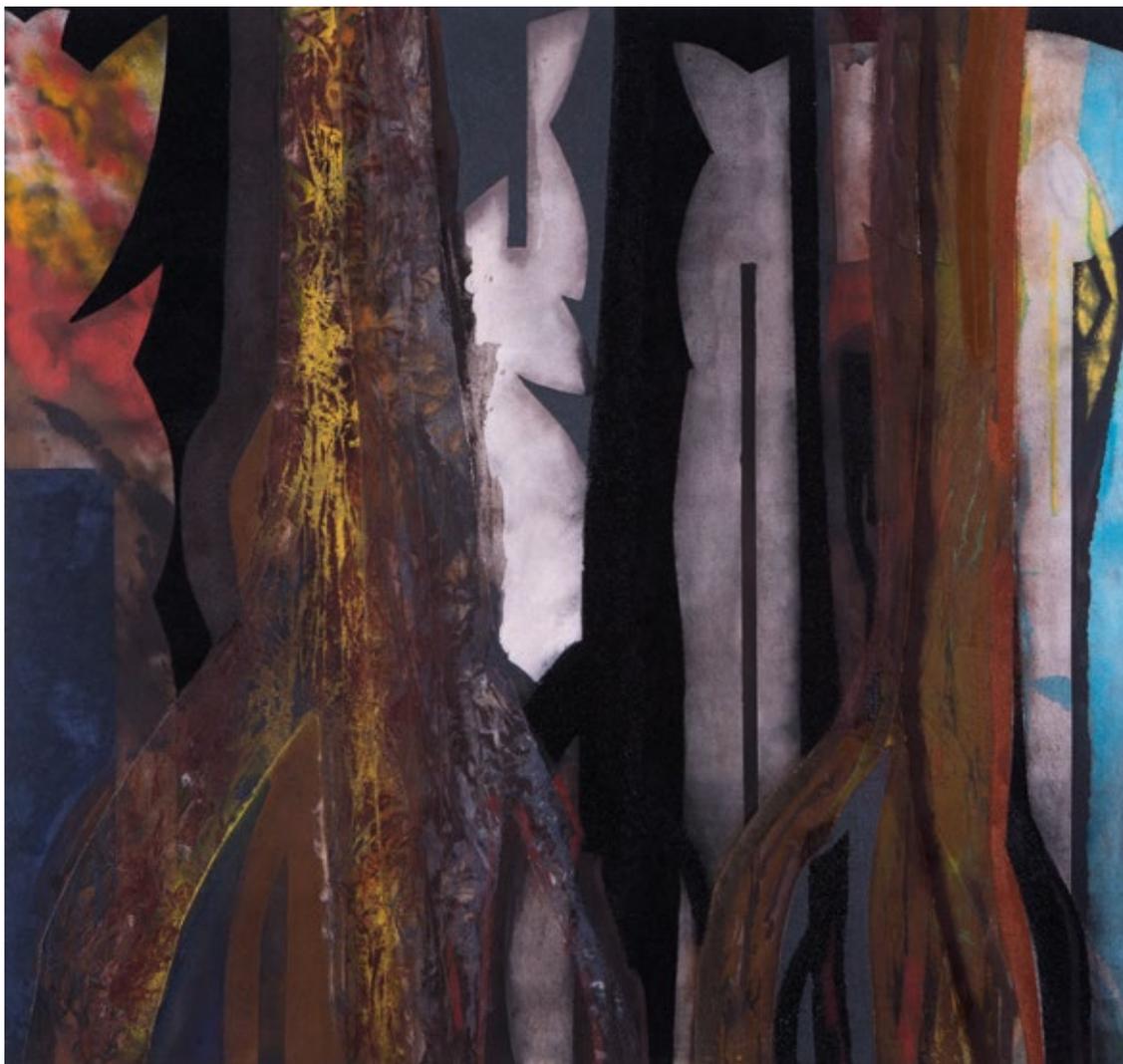
Série Natureza Inventada

carvão, acrílica e pigmentos

sobre lona crua

175 x 246 cm

2016



Série Natureza Inventada

carvão, acrílica e pigmentos naturais sobre lona crua

183 x 196 cm

2014

Prospectiva

carvão e acrílica sobre tela

200 x 200 cm

2020





Prospectiva

carvão e acrílica sobre tela

187 x 298 cm

2019



Prospectiva

carvão, acrílica e asfalto sobre tela

130 x 250 cm

2019

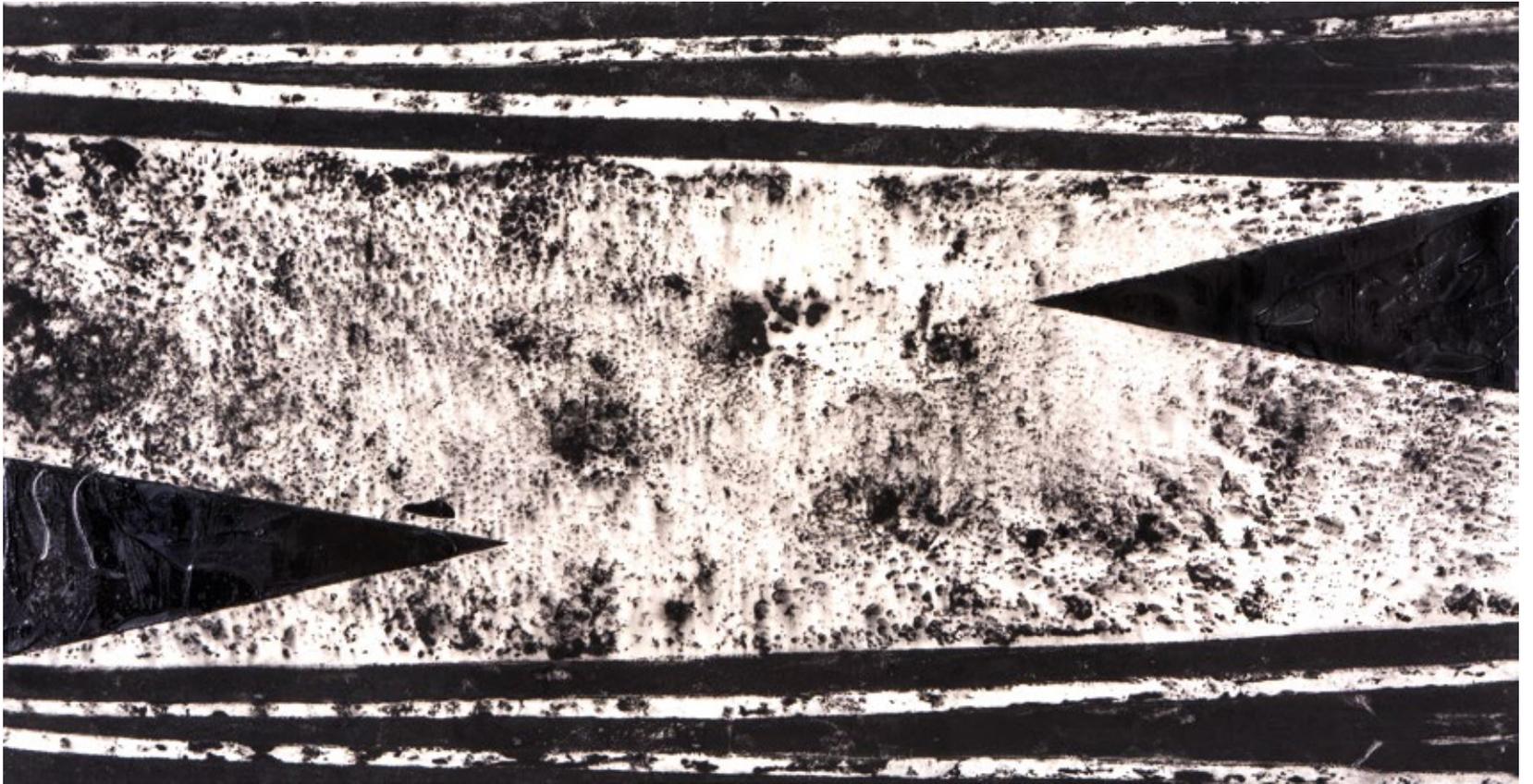


Série Natureza Inventada

acrílica e pigmentos sobre lona crua

120 x 150 cm

2022



Prospectiva

carvão e asfalto sobre tela

130 x 250 cm

2019

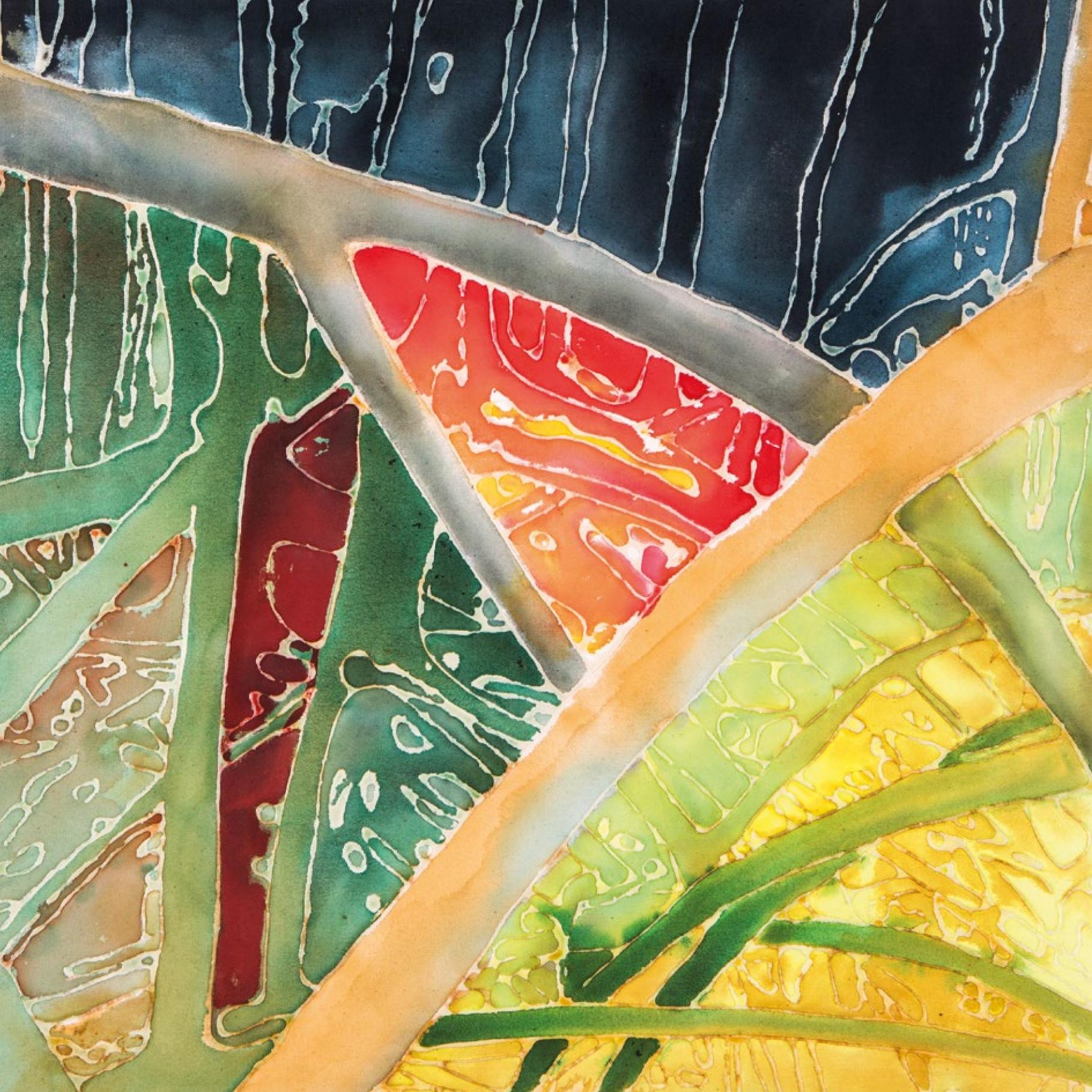


Cais do Valongo

resíduo arqueológico da escavação e
acrílica sobre tela

190 x 190 cm

2019





Série Natureza Inventada

acrílica e pigmentos sobre lona crua

100 x 100 cm

2022

**Série Natureza
Inventada**

acrílica e pigmentos

sobre lona crua

100 x 100 cm

2022



Série Natureza Inventada

pó de mármore, acrílica e pigmentos

sobre lona crua

180 x 160 cm

2022



Série Natureza Inventada

cinzas e acrílica sobre lona crua

91 x 74 cm

2022



Série Natureza Inventada

cinzas e acrílica sobre lona crua

92 x 61 cm

2022



Série Natureza Inventada

cinzas e acrílica sobre lona crua

68 x 66 cm

2022



Série Natureza Inventada

cinzas e acrílica sobre lona crua

70 x 62 cm

2022



**Série Natureza Inventada,
Exsicatas | Farmácia Baldia |
Sapucaia**

cinzas e acrílica sobre lona crua
95 x 68 cm
2016



**Série Natureza
Inventada**

cinzas e acrílica sobre
lona crua
109 x 70 cm
2022



Série Natureza Inventada

escultura em aço corten

82 x 52 x 52 cm

2013





Série Natureza Inventada

escultura em aço inox

50 x 34 x 34 cm

2013



Série Natureza Inventada

escultura em aço corten

84 x 52 x 52 cm

2013

CARLOS VERGARA

Artista nascido no Rio Grande do Sul, em 1941, morando no Rio de Janeiro, Carlos Vergara possui uma obra extensa e consistente, com uma produção vinda desde os anos sessenta, iniciada com exposição de joias em cobre e prata, em 1963. Nesse mesmo ano, tornou-se aluno do pintor Iberê Camargo, no Instituto de Belas Artes (RJ). Passa, em seguida, a ser assistente do artista, trabalhando em seu ateliê. Participou dois anos depois, do XIV Salão Nacional de Arte Moderna (RJ), de mostras divisoras na história da arte brasileira: 'Opinião 65', no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, um marco na história da arte brasileira, ao evidenciar essa postura crítica dos novos artistas diante da realidade social e política da época. A partir dessa exposição se formou a Nova Figuração Brasileira, movimento que Vergara integrou junto com outros artistas, como Antonio Dias, Rubens Gerchman e Roberto Magalhães, que produziram obras de forte conteúdo político. E 'Propostas 65', na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, o que lhe conferiu posição de destaque na arte contemporânea brasileira.

Seu trabalho está presente no Instituto Inhotim, no MAM SP - Museu de Arte Moderna de São Paulo, no MAM RJ - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Pinacoteca de São Paulo, Fundação Gulbenkian, Lisboa entre outras importantes coleções. Desde os anos 1960 o artista esteve presente nas mais significativas bienais de arte contemporânea, realçando-se em várias edições da Bienal de São Paulo: 1963, 1967 (Prêmio Itamaraty), 1969 (ano em que participa também da Bienal de Medellín),

1989, e 2010, na 29^a Bienal de São Paulo. Em 1985 da 18^a Bienal Internacional de São Paulo; 1989, 20^a Bienal Internacional de São Paulo; 1994, Bienal Brasil Século XX, Fundação Bienal, São Paulo; 1997, 1^a Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Porto Alegre; 2011, 8^a Bienal do Mercosul – Além Fronteiras, Porto Alegre. Representou o Brasil na Bienal de Veneza, em 1980.

Em 2000, participa das coletivas Brasil+500 Mostra do Redescobrimiento, Fundação Bienal (SP); Século 20: Arte do Brasil, Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa); no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (Lisboa); e Situações: Arte Brasileira Anos 70, na Fundação Casa França-Brasil (RJ). Realiza individual na Sílvia Cintra Galeria de Arte (RJ). Em 2002, é convidado a fazer parte do projeto Articidadezonal este (SP), para o qual cria uma intervenção na praça da estação Brás do metrô. Em dezembro, tem sala especial na mostra ArteFoto, no Centro Cultural Banco do Brasil (RJ), e seu trabalho 'Cacique de Ramos: Iguais Diferentes' ganha destaque. Na ocasião, mostra fotografias realizadas entre 1972 e 1975 e plotagens recentes a partir do mesmo material. A partir de maio de 2003, apresenta a primeira grande retrospectiva de seu trabalho, no Santander Cultural (POA), no Instituto Tomie Ohtake (SP) e no Museu Vale do Rio Doce, Vila Velha (ES). A partir de maio de 2003, apresenta a primeira grande retrospectiva de seu trabalho, no Santander Cultural (POA), no Instituto Tomie Ohtake (SP) e no Museu Vale do Rio Doce, Vila Velha (ES), com curadoria de Paulo Sérgio Duarte.



ORGANIZAÇÃO

Thais Darzé
Paulo Darzé

TEXTOS

Felipe Scovino

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Bruna Sanjuán
Cica Lima

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

P55 Edição

FOTOGRAFIAS DAS OBRAS

Marcio Lima

FOTOGRAFIA DO ARTISTA

João Vergara

RESUMO BIOGRÁFICO

Claudius Portugal



Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador/BA
CEP 40081-310
71 3267.0930 / 99918.6205
paulodarze@terra.com.br
www.paulodarzegaleria.com.br



PAULO
DARZÉ

GALERIA